



Agricultura orgânica ou regenerativa: contribuições para a discussão

Adaptação feita por RAÍZES do artigo escrito por Jairo Restrepo Rivera

Qual é a conexão da visão de mundo e da ancestralidade com a agricultura regenerativa? Qual é a ligação entre colonialismo e negação? O que há na discussão sobre uma visão antropocêntrica e acadêmica dos modelos hegemônicos de produção? Qual é o princípio e objetivo da agricultura regenerativa? Durante uma entrevista na Argentina, o agrônomo colombiano Jairo Restrepo, fiel ao seu estilo, combina esses conceitos-chave para abordar de forma ampla a compreensão desta forma de produção de alimentos.

Cosmovisão

A cosmovisão é entendida como a forma como interpretamos o mundo. Atualmente, esta forma de interpretar o mundo tornou-se ou sofreu uma deformação ou deterioração em função de uma série de interesses totalmente antropocêntricos.



Quando relacionamos o conceito de cosmovisão ao modelo atual de agricultura industrial, ele perdeu a estrutura para se relacionar com a vida e todo o conjunto de mitos com a intenção de explicar, de forma fantástica, as origens de um mundo em que estamos imersos. Uma expressão de uma relação natural dos humanos ou das sociedades com os seus diferentes deuses por ele criados, e uma espécie de ordem hierárquica do universo e do seu ambiente foi usurpada. Esta usurpação começa com a negação de todas as estruturas de uma vida comunitária que sempre agrupa um conjunto imaginário a partir do qual sempre vincularam sua existência e forma de produzir em paz com a natureza e não em conflito com ela.

No meio de comunidades rurais que ainda resistem ou sobrevivem no campo, a possibilidade de ter uma interpretação própria da natureza para tentar explicar a origem da vida, bem como de tudo o que existe e do próprio universo; gradual e sistematicamente, a agroindústria, com sua imposição tecnológica, está corroendo, desumanizando e, por fim, destruindo-a, com o único propósito de submeter o campo e a terra a uma hegemonia liderada por um capital que não apenas destrói e devasta a terra agrária, mas também dá vida.

O que sonhamos e desejamos com a agricultura orgânica que propomos é reconectar todos os elementos do cosmos desde o individual e coletivo, tendo a natureza como referência, com o objetivo de causar o menor impacto para produzir de uma forma mais justa e solidária. O que precisamos, sem a necessidade de sufocar e perder o sentido, onde percebemos que para aproveitar a vida não é necessário destruí-la através da ganância e da acumulação ilimitada. Essa conexão significa considerar a complementaridade, o recíproco, o sagrado, o coração, o espiritual e compartilhar o básico que sustenta a vida: uma alimentação saudável.

Ancestralidade

A agricultura biológica e a sua relação com a ancestralidade ou o ancestral, é tudo o que está ligado ou tem a ver com o nosso passado ou parentesco e com tudo o que se acredita ter existido e o que ainda existe. Geralmente, a agricultura está ligada ao Neolítico, período da história humana em que a agricultura e a pecuária surgiram e se difundiram, dando origem às sociedades agrárias.



A agricultura que propomos é o reconhecimento do conhecimento, do respeito pelos rituais e da forma cultural de conceber as coisas no ambiente e nos tempos da natureza e dos espaços culturais. Entre eles, a profundidade da etnobotânica e a relação direta com o uso e exploração das plantas, com o desenvolvimento de conhecimentos voltados principalmente para a fitoterapia ou medicina natural, e a influência da lua na agricultura, entre outras atividades de contemplação e imaginação, de um passado que não passou e que em alguns lugares ainda se mantém aquela forma diferente de conceber o universo.

Por outro lado, a ancestralidade também incluiu a paciência que as pessoas tiveram para nos transmitir oralmente o conhecimento adquirido ao longo de centenas de anos a partir de sua relação direta com as florestas, os animais e a maneira de conceber a proteção da natureza como elementos vitais para a continuidade da vida. É uma referência à sabedoria magistral, na qual, em muitas ocasiões, podemos encontrar as soluções mais sensatas para um problema aparentemente muito complexo.

Colonialismo e negacionismo

Nesta mesma direção ou sentido, abordamos como o processo de colonização negou os conhecimentos inerentes aos povos da terra, na medida em que o colonizador tentou destruir todos os costumes e culturas existentes nos locais onde chegou, sem o propósito de aprender a contemplar uma relação diferente de convivência com a natureza e em paz com os habitantes. Não devemos esquecer que o propósito de todos os colonizadores, que partiram principalmente da Espanha, era a subjugação dos povos originários da nossa América. Desde que iniciaram a sua viagem, tinham uma ideia pré-determinada e muito clara do que vinham procurar, claro, das riquezas naturais do nosso continente. Não só o crime, a subjugação, a mentira e o saque foram a arma, mas a subjugação foi a voz que ordenou o desaparecimento de qualquer resistência que confrontasse o colonizador e o opressor.

Fomos subjugados e totalmente negados pelos colonizadores como uma cultura pré-existente superior à do colonizador, muito rica em todos os sentidos, inclusive na cultura dos indígenas, bem como na riqueza natural do lugar geográfico onde estavam localizados.



Para compreender os princípios da agricultura orgânica, é necessário livrar-nos dos velhos paradigmas acadêmicos que tem atrofiado a nossa compreensão daquilo que é nosso, como o clima e a cultura. É necessário re-habitar, nutrir e abordar a interioridade da humanidade, o que nos permitirá nutrir a esperança de alcançar a nossa própria face. Onde não nos é difícil imaginar o que existia antes, uma natureza diversa, evoluindo em paz com o ambiente vivo do universo. Respeitando todas as formas e biotransformações, tanto individuais como coletivas, onde a apropriação do conhecimento em escala tecnológica não seja para destruição, negação e submissão, por um modelo ditado pelas grandes corporações colonizadoras do mercado global.

Um olhar acadêmico e antropocêntrico sobre os modelos hegemônicos de produção

Atualmente, o objetivo geopolítico e militar do capitalismo é concentrar a propriedade da terra, não importa onde no planeta você tenha que ir procurá-la, a qualquer custo e independente daqueles que a habitam ou são seus proprietários (famílias camponesas, indígenas, afrodescendentes, produtores nacionais ou do Estado). As regras de subjugação são claras para os empreendimentos da banca financeira internacional, com a aprovação da corrupção que corre desenfreada no planeta. Pretende-se um domínio global para a produção de alimentos.

As vantagens comparativas de ter um clima multidiverso e de ter o privilégio do sol todos os dias, durante todo o ano, para sustentar constantemente a fotossíntese e tornar mais eficiente o rendimento das culturas, tornam estas terras mais apetecíveis, o que desperta a voracidade do império agroalimentar. As melhores terras para megaprojetos estão entre os trópicos de Câncer e Capricórnio, e uma grande faixa abrange a América, África subsaariana e parte da Ásia, territórios escolhidos para a apropriação de terras e o deslocamento massivo de pessoas do campo para a periferia dos centros urbanos, onde deixam de produzir alimentos para se tornarem consumidores de produtos de má qualidade.

Todos os anos, milhões de hectares são desocupados através da violência, do engano, dos massacres e das dívidas, para satisfazer as reivindicações destes grandes investidores de mercadorias em terras arrendadas, a preços simbólicos, por vezes com o Estado. Nessa lógica, a agricultura é um verdadeiro cassino de especuladores e as bolsas de valores de Chicago ou de



Nova Iorque tornam-se câmaras de crimes contra a humanidade. Especulam e manipulam capital, necessidades e disponibilidade de alimentos, como os grandes armazéns, centros de usura que oferecem e vendem o que não produzem e nunca apresentam prejuízos, pomposamente chamados de fornecedores de alimentos. Na verdade, são fornecedores da riqueza dos traficantes de alimentos que oferecem e vendem sem correr nenhum risco.

O que é agricultura orgânica ou regenerativa?

Independente de como se queira chamar, a agricultura orgânica ou regenerativa é aquela onde cada unidade produtiva agrícola deve ser trabalhada como um organismo vivo integral e de acordo com as suas limitações e capacidades, o seu potencial ou capacidade de suporte, a capacidade de recuperação do seu solo, água, clima e economia local, sem esquecer que todos os agricultores têm uma história tradicional de adoção de cada “nova” técnica que pretendem introduzir, adaptar ou promover nas suas parcelas. O que torna a agricultura orgânica ou regenerativa diferente da agricultura convencional ou da revolução verde é o foco e as raízes das pessoas no campo, e não os métodos e técnicas aplicados especificamente na produção de alimentos.

Qual é o objetivo da agricultura orgânica?

Não é fácil tentar definir ou escrever numa única linha ou resumir com um único objetivo, o que se entenderia como agricultura orgânica ou regenerativa. Os objetivos são múltiplos e heterogêneos, mas, ao mesmo tempo, são muito flexíveis. Nada pode ser pré-determinado neles, da mesma forma que a recomendação de uma tecnologia não é uma recomendação inalterável e precisa. Como as condições de espaço e tempo são dois fatores para que os objetivos que podem ser propostos para um local sejam muito diferentes daqueles que seriam propostos para outro espaço produtivo, o mesmo acontece com a ordem ou prioridade para a proposta dos próprios.

Contudo, o que podemos propor em resposta a essa questão são alguns objetivos amplos, que devem ser considerados ou não para o desenvolvimento de uma proposta de agricultura orgânica ou regenerativa. Objetivos gerais para o desenvolvimento da Agricultura Orgânica ou Regenerativa:



- Defender a vida sem limites de fronteiras, de todos os fatores que a colocam em risco.
- Produzir alimentos saudáveis, livres de venenos, sem contaminar o meio ambiente e sem destruir a natureza, eliminando todos os insumos e práticas que os prejudiquem.
- Produzir alimentos econômicos em abundância, acessíveis a todas as populações, nutricionalmente harmoniosos e com baixo custo.
- Reduzir ao máximo a dependência dos agricultores de insumos externos, além de desenvolver e apropriar-se de tecnologia apropriada, adequada e apropriada às suas parcelas.
- Promover a estabilidade da produção de forma energeticamente sustentável, economicamente viável e justa.
- Buscar a autossuficiência econômica dos produtores e das comunidades rurais (autogestão), reduzindo os custos de produção, preservando e melhorando os recursos básicos que possuem.
- Trabalhar com conservação, biodiversidade genética e comportamento natural dos ecossistemas; em nenhum momento trabalhe contra eles.
- Trabalhar na integralidade dos sistemas biogeoquímicos e respeitar as suas inter-relações com o meio ambiente, em todos os processos produtivos. Deixar de ver a terra como uma mina inesgotável de elementos minerais e como um bolsão onde não há fundo.
- Recuperar, conservar e melhorar a fertilidade das plantas e a nutrição do solo.
- Trabalhar com a recirculação e evolução dos nutrientes minerais e conservar a matéria orgânica, pois nos trópicos a tarefa de conservar a matéria orgânica que é produzida localmente é muito mais fácil do que tentar repor a matéria orgânica que se perde.
- Buscar maior aproveitamento do potencial natural, produtivo, biológico e genético das plantas e animais; o que se traduz ou significa, a genética é o que mais se aproxima da realidade local.
- Compreender e trabalhar as unidades produtivas de acordo com as suas limitações e as potencialidades do seu solo, água, clima e economia local; conseguindo encontrar o tamanho mais eficiente da unidade produtiva de forma diversificada, buscando a felicidade interior.
- Garantir a competitividade da produção alimentar, inicial e preferencialmente disponível nos mercados locais, e depois procurar alianças regionais, nacionais e internacionais, acompanhadas dos parâmetros de quantidade, qualidade, transparência e honestidade.
- Aproveitar todas as vantagens comparativas sociais, culturais, econômicas, ecológicas e agrotecnológicas que os sistemas de produção



biológica oferecem face aos constantes fracassos da agricultura convencional, para construir um verdadeiro desenvolvimento sustentável centrado nas capacidades humanas nas zonas rurais.